

O ÚLTIMO TANGO EM PARIS

um filme de Bernardo Bertolucci

com Marlon Brando, Maria Schneider, Jean-Pierre Léaud

Cópia Digital Restaurada, 4K | Último Tango a Parigi | França, Itália | 1972 | 2h06 | M/18

OSCARS – 2 Nomeações: Melhor Realizador | Melhor Actor

New York Film Critics Circle Awards – Melhor Actor, Marlon Brando

National Society of Film Critics Awards – Melhor Actor, Marlon Brando

Italian National Syndicate of Film Journalists – Melhor Realizador, Bernardo Bertolucci

Prémios David di Donatello – Melhor Actriz, Maria Schneider

Inicialmente, queria fazer um filme sobre um casal e o relacionamento entre duas pessoas. Mas quando comecei a trabalhar nele e a senti-lo tomar forma, *mi sono accorto...* Percebi que seria um filme sobre a solidão. Na verdade, a solidão é o seu conteúdo mais profundo. [...]

No filme, o sexo é, simplesmente, uma nova forma de linguagem que as personagens inventam para comunicar, porque a linguagem sexual significa libertação do subconsciente, uma expressão de abertura. Por outro lado, não procuro também, de forma nenhuma, identificar o sexo com o sentimento da morte. Não estou a representar nenhuma teoria Eros-Tanatos. Digo apenas que, quando se descreve uma relação sedenta de autenticidade, acaba por se descobrir tudo o que está à sua volta, tudo o que dificulta a sua manifestação.

Bernardo Bertolucci, *Interviews*, University Press of Mississippi / Jackson



Ultimo Tango a Parigi / O Último Tango em Paris (1972)

Para Bertolucci, começa também outra dança com este tango. O triunfo internacional e uma mudança de marcha no seu rumo. De *La Commare Secca* a *Strategia del Ragno* os seus filmes encontravam-se sob o primado da política. A partir de *Ultimo Tango a Parigi* é a instância sexual que passa a dominar a sua obra (mesmo *1900*, apesar da sua narrativa histórica). Aliás o genérico e a atmosfera do filme são bastante importantes. O primeiro apresenta duas pinturas de Francis Bacon, que teve recente exposição de pinturas em Serralves, e a quem a RTP2 dedicou recentemente espaço nobre, com um documentário sobre a sua vida e obra, e o “biopic” *Love Is a Devil*. Este título poderia também aplicar-se ao filme de Bertolucci, que o coloca sob o primado do pintor, não apenas com o genérico mas também pela frequência com que ele e o seu operador Vittorio Storaro (num trabalho magnífico) enquadram grandes planos através de vidros deformados que dão aos rostos uma singular semelhança com os quadros de Bacon. As referidas pinturas representam duas figuras, uma masculina e outra feminina que podem ser um olhar de antecipação sobre as personagens de Paul (Marlon Brando) e Jeanne (Maria Schneider).

[...] Apesar do seu tom trágico, *Ultimo Tango a Parigi* pode ser visto também como uma comédia “negra”, explorando algumas formas de grotesco, herdeiras do burlesco mudo: a cena do rato, e mesmo a da margarina podem contar-se entre estas. Aliás não é só esta relação que mostra Bertolucci às voltas com a sua inevitável cinefilia. Duas outras cenas a testemunham de melhor forma, e revelam melhor ainda a faceta cómica do filme: a “história” do passado de Paul e o seu encontro com o amante da mulher. No primeiro caso, a biografia da personagem corresponde, em grande parte, às personagens que Brando interpretou no cinema (repare-se: foi pugilista como em *On the Waterfront*, andou pela América Latina como o revolucionário de *Quemada!*, pelo Hawai como em *Mutiny on the Bounty*, além de ser, então, proprietário de uma ilha nos Mares do Sul, etc.). No segundo caso, o diálogo entre os dois homens (e Massimo Girotti fôra, ele também, um popular galã na década de 40) é uma espécie de confissão mútua dos respectivos problemas de envelhecimento e de estar na vida. Isto resulta do método de Bertolucci em dirigir os actores, dando-lhes espaço de manobra nos diálogos, permitindo-lhes uma liberdade de improvisação que reforça a identificação entre personagem e actor.

Manuel Cintra Ferreira, Texto originalmente escrito no contexto do Ciclo “Cinquenta Anos Depois dos Anos Brando”, em Abril de 2003. Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema

Bernardo Bertolucci, último tango

Bernardo Bertolucci pertence a essa geração de realizadores literariamente muito bem formados, uma mão em Stendahl outra em Borges, com um sentido da transgressão que absorveu Bataille e a Sade chama meu próximo. Visualmente formado em Pasolini e Francis Bacon, com a sombra de Godard em cima. Não se veja nisto nenhuma ironia em ainda menos depreciação. Veja-se apenas aquilo que é e que os filmes de Bertolucci reclamam: pertencer a um tempo.

Em três filmes, *1900*, *O Último Tango em Paris*, *O Último Imperador*, filmando tempos diferentes, filmou sempre o nosso tempo, a nossa moralidade ou amoralidade, a nossa angustiada misantropia (lembrem-se de Marlon Brando no *Tango*), a nossa insólita reclusão (lembrem-se da cidade proibida do *Imperador*), o nosso fascínio pelos requebros irracionais da ideologia (do *O Conformista* a *1900*). Podemos querer mais do cinema, como queremos e sabemos que Stendahl e Borges nos dão mais do que o tempo que foi o tempo deles, mas um cinema que nos restitui o nosso tempo e nos restitui ao nosso tempo, merece ser saudado pela sua inteligência. Morreu hoje Bernardo Bertolucci: nos filmes dele tinha morrido a derradeira visão trágica do sexo no cinema.

Manuel S. Fonseca, www.paginanegra.pt